

GIL VICENTE

(EXCERTO DE UMA CONFERÊNCIA)

por HERNÂNI CIDADE

Mas é impossível que uma alma profunda mantenha sempre, em face da vida, a atitude risonha do caricaturista. O drama que lhe constitui a essência freqüentemente empolga para a gravidade do apostolado ou do protesto. E Gil Vicente era uma alma por demais profunda, para se contentar de ser um colecionador de casos psicológicos. O homem interessava-o ainda mais pelo destino que tinha a cumprir, do que pelo espectáculo que lhe oferecia a observação. A análise psicológica, portanto, mais de uma vez se converte em edificação cristã; e nada melhor o demonstra do que o *Auto da Alma*.

Maravilhosa, esta criação alegórica em que a alma é figurada na fatigante caminhada da vida, no conflito doloroso entre as tentações do diabo e os estímulos do anjo, só eficazes porque em meio da estrada a acolhe a *estalagem* da Igreja, com suas reconfortantes iguarias espirituais. O anjo é solícito e ardente, vibram em sua eloquência todos os tons da fraternidade cristã—a estimulação, a súplica, a censura, a ameaça. Mas que minucioso e perfeito desenho o da figura do tentador! Ladino e bom psicólogo como todos os diabos vicentinos—dir-se-ia que industriados pela sabedoria e manhas do seu criador—conhece todas as fraquezas da alma pecadora, sabe pôr em actuação todas as molas que melhor a poderiam despenhar nos abismos em que reina: a volúpia da comodidade e dos prazeres sensuais; o orgulho da independência senhoril; a vaidade da formosura e do luxo; o egoísmo dos interesses materiais e mundanos. E para mais insinuante ser o diabólico sortilégio, não lhe falta a gratíssima pontinha de cómico, a graça vivacíssima das palavras e dos ademanes, maravilhosa tecedora de prestígio aliciante. E' o drama das lutas interiores, exteriorizado numa representação plástica, de um grotesco atenuadíssimo, para que a edificação moral se não evole em gargalhada:

Que vaidades e que extremos
Tão supremos!
Para que he essa pressa tanta?
Tende vida.
Is mui desautorizada,
Descalça, pobre, perdida
de remate:
Não levais de vosso nada,
Amargurada.
Assi passais esta vida
Em disparate.
Vestí ora esta breal,
Mettel o braço por aquil.
Ora esperai.
Oh como vem tão real!
Isto tal
me parece bem a mi;
Ora andae.
Huns chapins haveis mister
De Valença:—el-los aquil.
Agora estais vós mulher
De parecer.
Ponde os braços presumptuosos:
Isto si.
Passeae-vos mui pomposa,
Daqui para alli e de lá para cá,
E fantasiae.
Agora estais vós fermosa
Como a rosa;
Tudo vos mui bem está.
Descançae.

Reparemos na teatralidade desta cena, admirável complemento com que a técnica do artista perfaz a sabedoria do conhecedor de almas. Aliciação da alma por Satanaz—e aliciação do espectador pelo comediógrafo, perito, como o tentador, em todas as potências sortilégas da arte...

Insistamos, porém, no aspecto em que cumpre agora atentar:

O interesse cristão pelos destinos de Além-Campa—segundo acabamos de ver—comove o psicólogo de compadecida humanidade. E' como *homem*, atento à gravidade dramática da vida, que ele se interessa pelos rumos que ela toma. De aqui a desassembra da sátira do *Auto da Feira*, e aquela outra, que só conhecemos pelas referências dos contemporâneos, do *Jubileu de Amores*. Católico, sim, mas anti-clerical. E anti-clerical, porque católico, numa época em que os *presidentes do Crucificado*, desde os *papas adormidos* aos eremitãos hipócritas, em tam grande número, transformavam a religião em pompa litúrgica, mais para volúpia dos sentidos do que para estímulo das almas, e convertiam uma função que devia ser de apostolado para a salvação de todos, em rendosa burocracia de exclusiva utilidade pessoal. *Anti-clerical*, portanto, no sentido restrito: hostil não ao clero, senão a um clero que, afinal, *o não era*, de tam desviado da sua especifica função.

Repete-se demasiadamente que Gil Vicente era um erasmista.

Mas Erasmo e ele só poderiam estar em contacto como uma recta com uma circunferência, no ponto restrito em que dois espiritos, profundamente diferentes, poderiam encontrar-se no comum desejo da reforma eclesiástica.

Não o esqueçamos: Gil Vicente jámais tocou no património dogmático, emquanto que Erasmo até a êsse queria estender a simplificação da forma que insinuava. Depois, entre os dois gênios havia diferenças profundas, de temperamento como de educação. Gil Vicente tinha as raízes do seu ser moral profundamente enteradas no mundo medievo. Erasmo, êsse, era um humanista, ou seja, no conceito de Höfding, um homem para quem o humano é objecto de observação e fundamento de acção, nêle buscando acima de tudo a *directão da vida*.

O Júpiter vicentino adora Cristo, a sua *Sibila Cassandra* exalta a superioridade da Virgem Maria; para Erasmo, o Céu e o Olimpo, a moral cristã e a sabedoria antiga, Jesus e Sócrates são expressões equivalentes da mesma aspiração a *realizar o humano*, mais do que a *copiar o divino*.

Gil Vicente vivia em ambiente português, que não na torre de marfim da contemplação humanista, perante a qual as diversidades da vida eram um objecto de serena curiosidade e o saber e discorrer em paz a única actividade dignificadora.

Portugal fôra nado e criado em luta com os inimigos da Cruz. Pela luta se estabeleceu no território metropolitano, pela luta continuou a expansão da fé e do império através do Mundo. Quem assim vivia em permanente tensão combativa, em convivência com os *homens*, que não com o *homem*, não podia igualar em serenidade interior nem em visão do mundo nem em con-